

Quando o Brasil **CRESCER**

Economia - Brasil

INÉDITA FALTA DE MÃO-DE-OBRA QUALIFICADA PODE LIMITAR ECONOMIA. NÃO HÁ ENGENHEIROS NEM PARA EXECUTAR O PAC

AMEAÇA ESCOLAR

MARCELO TOKARSKI
DA EQUIPE DO CORREIO

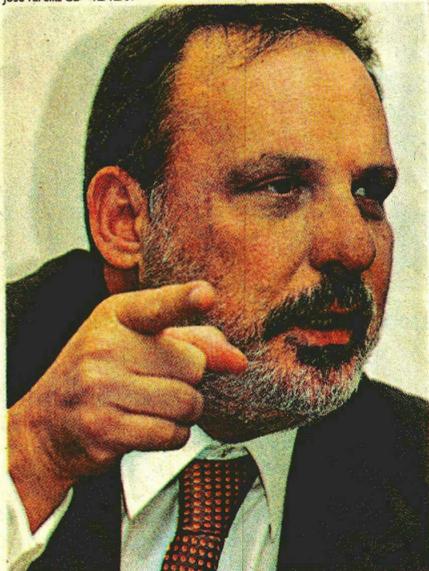
Quando se fala de gargalos e constrangimentos ao desenvolvimento da economia brasileira, logo vêm à tona os problemas de infra-estrutura, como rodovias esburacadas, ferrovias precárias, portos saturados e risco de falta de energia. O que pouco se falava no Brasil era de outro gargalo, tão ou mais importante. Ao longo de duas décadas de altas taxas de desemprego, a má qualificação da mão-de-obra brasileira permaneceu como um problema adormecido. Bastaram quatro anos consecutivos de melhora do mercado de trabalho para a deficiência surgir como ameaça real ao crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todas as riquezas produzidas no país.

Mesmo com milhões de pessoas procurando trabalho, há setores onde a carência de profissionais é latente. O fenômeno começou pelo topo da pirâmide, onde estão segmentos ligados à tecnologia, como a indústria de softwares. Mas já se dissemina por outros ramos. Setores da indústria, como petroquímico, químico, siderurgia e sucroalcooleiro, enfrentam dificuldades para encontrar mão-de-obra especializada. Na construção civil, faltam 20 mil engenheiros apenas para atender as obras, especialmente as previstas no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Nos canteiros das incorporadoras imobiliárias, chegam a faltar carpinteiros e serventes de pedreiro.

Na avaliação de especialistas, o problema da baixa qualificação tem seu gene no sistema educacional brasileiro. Malformados na escola, e muitas vezes excluídos dela, os trabalhadores têm dificuldade em se profissionalizar. "Esse apagão de mão-de-obra não acontece desde a época do milagre econômico", diz Hélio Zylberstajn, professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da Universidade de São Paulo (USP). O professor diz que esse é um dos principais gargalos da economia. "Estamos falando de um problema que leva no mínimo oito ou 10 anos para ser resolvido", afirma (leia entrevista na próxima página). Um em cada três trabalhadores formais só estudou até a 8ª série. Apenas 15% concluíram a faculdade. (veja quadro abaixo).

De acordo com o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Armando Monteiro Neto, as grandes e médias empresas vêm sentindo os efeitos do gargalo de mão-de-obra. O Brasil forma, por exemplo, poucos engenheiros por ano. "São cerca de 25 mil. Com a aceleração do crescimento, o país precisará ampliar a oferta, o que não se faz do dia para a noite", afirma.

José Varella/CB - 12/12/07

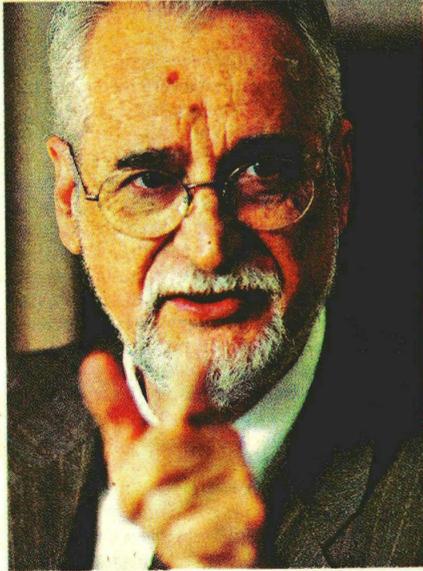


ARMANDO MONTEIRO, DA CNI: INDÚSTRIAS CARENTES

Dados do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (Confea) mostram que o país forma 33 mil engenheiros e arquitetos por ano. "A Coreia forma 80 mil engenheiros todos os anos. A Índia, 250 mil e a China, 350 mil", diz o presidente do Confea, Marcos Túlio de Melo. Seguidos anos de baixo crescimento econômico reduziram o interesse dos estudantes pela área. "No Brasil, apenas 11% da população entre 18 e 24 anos estão na universidade. Desses, apenas 13% cursam carreiras tecnológicas. Nos países desenvolvidos, esse índice varia de 40% a 70%", diz. "Houve um desmantelamento da estrutura produtiva na área de engenharia."

Pesquisa recente da CNI mostra que 10% das empresas industriais já apontam a falta de mão-de-obra como restrição ao crescimento. "Esse é um fato inédito. Essa preocupação nunca havia se manifestado com tanta força", diz o economista da CNI Paulo Mol. "Da mesma forma que a utilização da capacidade instalada preocupa, por ser um problema físico, os empresários estão muito preocupados com a falta de capital humano. Começa a faltar mão-de-obra qualificada em muitos setores, o que pode acabar comprometendo novos investimentos", ressalta. O cenário, afirma, deve se agravar nos próximos dois anos.

Iano Andrade/CB - 8/11/05



ELIEZER PACHECO, DO MEC: DEMANDA REPRIMIDA BRUTAL

O quadro nunca foi tão grave. De janeiro a outubro deste ano, 4,9 milhões de trabalhadores de todo o país se inscreveram no Sistema Nacional de Emprego (Sine) em busca de uma oportunidade. Foram disponibilizadas 1,7 milhão de vagas, mas só 814 mil preenchidas. A taxa de colocação foi de apenas 46,7%, a menor em sete anos (veja gráfico). Apesar de o desemprego estar em 8%, o fenômeno se explica pelo fato de os desempregados não atenderem as exigências e necessidades das empresas.

O setor de tecnologia da informação é um dos que sempre se ressentiu de falta de mão-de-obra. Mas a recente onda de crescimento econômico acentuou o problema. Espalhadas pelos vários ramos da economia, incluindo indústria, comércio e serviços, o segmento tem hoje 40 mil vagas não preenchidas, de acordo com estimativas da Associação Brasileira das Empresas de Software e Serviços para Exportação (Brasscom). "Temos qualidade na mão-de-obra ofertada, mas não quantidade", diz o diretor-executivo da entidade, Ricardo Saur. "Nossas universidades formam 45 mil profissionais por ano, mas isso não é suficiente para atender a demanda", reforça. "O item pessoal representa de 70% a 80% do nosso produto. Por isso o problema é tão crítico", explica o executivo da Brasscom.

PROBLEMA É NA FORMAÇÃO

De acordo com o pesquisador José Celso Cardoso Júnior, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), os cursos de qualificação profissional não são suficientes para equacionar o problema. A má qualidade dos trabalhadores é em grande parte reflexo da baixa escolaridade do país. "Há uma pânico com essa questão da qualificação profissional. Só fazer cursos e mais cursos não resolve, pois a questão da baixa qualificação é um problema de base, que precisa ser resolvido com educação de base. Precisamos educar a população."

"A educação está na base disso tudo. Por isso, só trabalhamos com a qualificação profissional vinculada à escolaridade", afirma Eliezer Pacheco, secretário de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (MEC). "Temos uma demanda reprimida brutal. Chegamos a importar mão-de-obra, o que é um absurdo em um país onde o desemprego é de quase 9%", critica o secretário, que coordena um programa de ampliação das escolas técnicas federais. "O crescimento econômico você sente em um ou dois anos. Já mudanças na educação levam de oito a 10 anos para dar resultado", ressalta Pacheco.

"Após três décadas de baixo investimento e de pouco planejamento, o país sofre agora com a falta de mão-de-obra. Faltam técnicos, engenheiros e geólogos. Com isso, vem aumentando muito a procura pelo registro de trabalhadores estrangeiros, como forma de suprir essa carência em alguns tipos de mão-de-obra", reforça o presidente do Confea, Marcos Túlio de Melo. Segundo ele, as empresas também estão buscando aposentados e engenheiros que haviam abandonado a profissão para abrir seu próprio negócio.

"No auge da crise, o desemprego no setor chegou a 20%, por isso houve muito deslocamento de mão-de-obra. Muita gente abriu um comércio, foi trabalhar em bancos. Agora, falta gente para tocar as obras que o país precisa", diz Marcos Túlio. Sobre o PAC, afirma, tem R\$ 65 bilhões que podem não sair do papel porque não há profissionais suficientes para elaborar os projetos técnicos das obras. "Só os empreendimentos do PAC criam uma demanda de 20 mil engenheiros para os próximos dois anos. Não temos pessoal suficiente para atender essa procura", adverte.

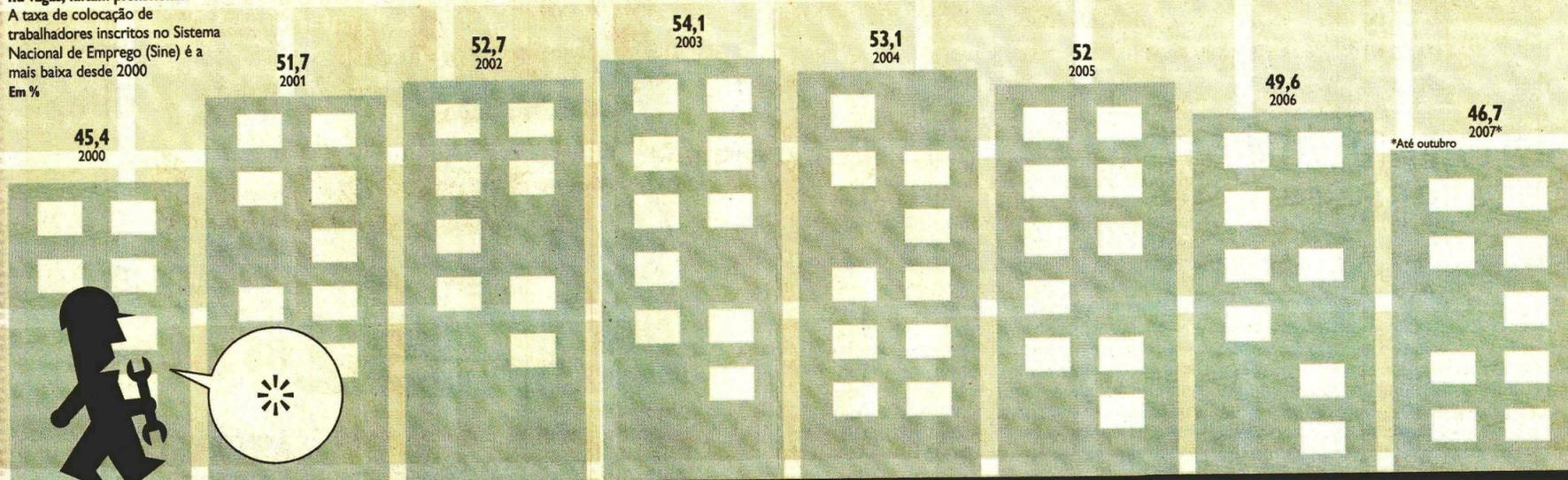
BAIXA QUALIDADE

Veja alguns números que mostram a deficiência na qualidade da mão-de-obra brasileira

Há vagas, faltam profissionais

A taxa de colocação de trabalhadores inscritos no Sistema Nacional de Emprego (Sine) é a mais baixa desde 2000

Em %



BAIXA ESCOLARIDADE

O grau de instrução dos trabalhadores formais, de acordo com a Relação Anual de Informações Sociais (Rais) 2006

Analfabeto	0,7%
4ª série incompleta do ensino fundamental	4,5%
4ª série completa do ensino fundamental	6,4%
8ª série incompleta do ensino fundamental	9,8%
8ª série completa do ensino fundamental	15,4%
Ensino médio incompleto	8,6%
Ensino médio completo	35,3%
Ensino superior incompleto	4,2%
Ensino superior completo	15%

Fonte: MTE e CNI

A INEFICIÊNCIA EM NÚMEROS

Veja o número de desempregados inscritos no Sine, as vagas oferecidas e os postos preenchidos

Ano	Inscritos	Vagas	Inseridos
2000	4,805 milhões	1,281 milhão	581,6 mil
2001	4,687 milhões	1,435 milhão	742,8 mil
2002	5,118 milhões	1,648 milhão	869,5 mil
2003	5,444 milhões	1,560 milhão	844,7 mil
2004	4,872 milhões	1,670 milhão	887,6 mil
2005	4,977 milhões	1,718 milhão	893,7 mil
2006	5,141 milhões	1,768 milhão	877,1 mil
2007	4,896 milhões	1,741 milhão	814,7 mil*

*Até outubro